JORNAL DE GARVÃO

Verba Volant Scripta Manent

Nº 34 - Natal de 2025 1.00 Euro http://garvao.blogs.sapo.pt/

FEIRA DE GARVÃO

Menção de 1282

Pág. 4

MARCELO GUERREIRO

Reeleito Presidente da Câmara Municipal de Ourique

Pág. 10/11

LAGAR DE CERA

A “Pedra” à porta do Sr. Zé Conduto

Pág. 13

CANTE A DESPIQUE

Património Único do Sudoeste Alentejano

Pág. 12

AUGUSTO GUERREIRO MESTRE

Herói das campanhas de África pela captura do Gungunhana

Pág. 15

BRUNO da ENCARNAÇÃO

Eleito Presidente da Junta de Freguesia de Garvão

NOVOS ELEITOS

Na Junta e Assembleia de Freguesia de Garvão: Tomaram posse a 30/10/2025

Pág. 5/6/7

Editorial

ENVELHECIMENTO e DESERTIFICAÇÃO

O envelhecimento da população é uma tendência com repercussões a longo prazo que começou há várias décadas, de uma forma geral em Portugal e na Europa.

Basicamente, esta evolução pode ser vista como um aumento das pessoas mais velhas, em contraste com uma diminuição das pessoas em idade ativa na população total.

A proporção das pessoas com 65 anos ou mais da população da União Europeia (UE) está a aumentar, representavam 17,8% em 2011, 20,2% em 2019 e 20,8% em 2021.

Ao mesmo tempo, a proporção de jovens na UE está a diminuir. Na faixa etária dos 15 aos 29 anos, a proporção diminuiu de 18,1% em 2011 para 16,6% em 2019 e para 16,3% em 2021.

A Comissão Europeia apresentou um importante relatório sobre as dinâmicas demográficas na União Europeia e os seus efeitos no território.

Aí se discute e analisa a vida e hábitos da população europeia, considerando, por exemplo, a esperança média de vida, o número de filhos, os impactos na economia, sistemas de bem-estar social e de saúde, habitação e infraestrutura das regiões europeias.

O texto também destaca a vulnerabilidade de certas regiões, acusarem declínios populacionais particularmente graves, em resultado de uma intensa emigração e de migração interna para áreas urbanas. Ao longo dos últimos 50 anos, a esperança de vida tem aumentado, enquanto o número de filhos tem diminuído.

Essa tendência de diminuição da proporção de jovens deve manter-se e tornar-se ainda mais pronunciada nas regiões rurais.

A desertificação do interior deve ser gerida de modo a garantir as necessidades básicas da população que ainda lá reside, assim como a defesa do património de interesse cultural. Para quem tenha emprego, ou rendimento assegurado, a qualidade de vida tende hoje a ser bastante superior em ambientes rurais, do que nos grandes meios urbanos, o conjunto de infra-estruturas disponibilizado à população do interior é muito melhor do que era há 20 anos.

Contudo, sem pôr em causa, ou questionar de alguma maneira a proveniência dos rendimentos para fazer face a essas despesas, (perante uma região que não produz riqueza suficiente para pagar esses equipamentos), não devemos esquecer que a eficiência económica também tem de ser considerada, até porque só criando riqueza, hoje se conseguirá ter mais para redistribuir amanhã e, nada nos garante que os geradores de riqueza, para fazer face a estas despesas, estarão sempre disponíveis.

Tesouros Ibéricos

Como Portugal e Espanha investem na preservação da memória coletiva

(SIC Notícias, 22 nov. 2025)

Têm sido realizados grandes investimentos na recuperação e preservação do património histórico na Península Ibérica. Em Reportagem Especial dia 22/11/2025.

Há uma cada vez mais consciência sobre a importância da recuperação e preservação do património para investigar, visitar e preservar a memória coletiva.

Nos últimos anos, têm sido gastos milhões na intervenção em monumentos de várias épocas, desde a pré-história até á aos nossos dias. A curiosidade turística também tem vindo a crescer.

Segundo Ana Paula Amendoeira da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, em entrevista à SIC dia 22/11/2025:

É logo de registar, de facto, a pró atividade de entidades e instituições, nomeadamente neste caso a Câmara de Évora que em 1986, promoveu a candidatura e o reconhecimento Internacional do centro histórico de Évora a património mundial.

Portanto, esse trabalho de dar a conhecer, de estudar e de propor o reconhecimento quer nacional quer internacional com as classificações é desde logo também muito importante, porque abre logo uma outra janela de visibilidade, de valorização e de sensibilização das pessoas todas para este património.

A memória como património coletivo

O direito à memória não é apenas uma questão individual ou familiar, também representa o legado do meio em que o individuo está inserido.

Os Museus, por exemplo, desempenham um papel vital na preservação da história coletiva, são lugares onde as narrativas de diferentes espaços e períodos temporais se entrelaçam, oferecendo uma visão abrangente não só do que somos, mas essencialmente da nossa História e Cultura. Por meio de exposições e coleções, os museus preservam objetos e documentos que contam a história de comunidades, as suas lutas e conquistas.

Além disso, a antropologia ensina-nos que cada cultura tem suas próprias formas de registar e transmitir sua história. As tradições orais, por exemplo, são fundamentais em muitas sociedades, permitindo que experiências e conhecimentos sejam passados de geração em geração.

Essa preservação é essencial para garantir que as vozes do passado continuem a ser ouvidas, ajudando a moldar a identidade cultural e os valores de uma comunidade.

JORNAL DE GARVÃO
Ano da Fundação: 1994.

http://garvao.blogs.sapo.pt
https://edicaodoautor.blogs.sapo.pt/

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão
Editor: José Pereira Malveiro.
Gestão e Redação: Inês Malveiro.
Colaboradores: Mariana Alexandre, Filomena Franco, José Daniel Malveiro, Francisco José Alves.

NOTA: Qualquer assunto de interesse relacionado com Garvão, enviar para jpmg6767@gmail.com

APOIOS: - Câmara Municipal de Ourique · Junta de Freguesia de Garvão

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a divulgação comercial, inserida neste jornal, não está sujeita a pagamento.

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 13 de Janeiro, artigo 9º nº 2.
Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

Saúde em Ruptura e Comércio a Desaparecer – O Retrato de um Interior Ignorado

Desaparecer e reafirmar são fenómenos que o nosso Alentejo abraça. Nos meios mais pequenos, resguardados no interior, permanece a prática do desapego e abandono, onde, juntamente com a população, tudo vai envelhecendo, mas, naqueles lugares, ainda no Alentejo, onde o areal existe e a água salgada cheira, florescem inúmeros serviços que visam a satisfação das necessidades coletivas, hospitais modernos, comércios estruturados, e oportunidades.

O interior português caminha de forma silenciosa para um colapso anunciado

É devido a esta paisagem disforme que há quem se pergunte, se as planícies são as mesmas, se do mesmo Alentejo se trata, infelizmente somos obrigados a dizer que sim. O interior português caminha de forma silenciosa para um colapso anunciado, está a ser conduzido para uma realidade sombria, como se estivéssemos apenas à espera que os seus habitantes envelhecidos desapareçam, transformando estas terras em espaços que não nos trazem nada, espaços sem nada nem ninguém, um país dentro do país, mas completamente ignorado.

Mariana Alexandre
(Estudante de Direito)

Esta falta de apreço, de cuidado, esta falta de consciência de existir, é nexo de causa-efeito para a degradação dos poucos serviços que temos ao dispor das gentes que não são gentes, dos habitantes que não habitam porque "isto" que chamamos interior quase que já não é um lugar. A ruptura do sistema de saúde no interior não é uma previsão desagradável, é uma realidade vincada e vitalícia. A falta de médicos de família, o encerramento de urgências de saúde e a necessidade de percorrer dezenas de quilómetros para uma simples consulta transformaram a saúde num privilégio urbano.

As ruas principais das vilas lembram fotografias antigas, casas fechadas, portas trancadas e letreiros que já só contam memórias

Para quem vive no interior, a enfermidade é quase um luxo que não se pode pagar. Os diagnósticos chegam tarde, os tratamentos chegam a meio gás e para suportar esta realidade possuímos um único centro de saúde e uma mão que nem cheia está de médicos que fazem aquilo que podem para cuidar daqueles que já não tem assim tanto tempo.

Se a saúde está em ruptura, o comércio local não está melhor. As ruas principais das vilas lembram fotografias antigas, casas fechadas, portas trancadas e letreiros que já só contam memórias. Os poucos negócios que restam são mantidos quase exclusivamente por pessoas acima dos 50 ou 60 anos. São eles a última geração de comerciantes locais e que, todos os dias, com dificuldade, porque as pernas já não são as mesmas, abrem as suas portas e recebem aqueles que ainda cá vivem.

Sempre ouvi dizer que, quando uma porta se fecha, uma janela se abre. Mas no Alentejo, quando uma porta se fecha, leva consigo as janelas todas. E no vazio que fica, ergue-se apenas uma placa já demasiado familiar: "vende-se".

Por vezes pergunto-me se ainda vamos a tempo. Talvez sim, mas não através de remendos, apenas através de uma mudança que costure de novo a vida onde ela se rasgou. É urgente investir em cuidados de saúde acessíveis, criar incentivos reais para que os jovens se fixem e abrir portas para o renascimento do comércio local. O interior precisa de serviços, de emprego, de mobilidade e de oportunidades. Não precisa de discursos, precisa de ação.

Assim, torna-se fácil concluir que o interior português não está a morrer por ser velho, está a morrer por ser ignorado.

FEIRA DE GARVÃO
Mencionada em 1282

A falta de menção da Feira de Garvão no rol das Cartas de Feira atribuídas pelos primeiros reis de Portugal e das quais a historiadora Virgínia Rau na sua obra *Feiras Medievais Portuguesas* descreve, não implica que esta não existisse desde os tempos mais remotos e leva-nos, inclusivamente, a ponderar sobre o inicio desta feira num período anterior à fundação da nacionalidade.

De facto, não seria um ato genesíaco ou um documento jurídico que iria criar um facto consolidado, segundo Maria Helena da Cruz Coelho, não seria a Carta de Feira, franca ou não, que iria instituir a feira nas povoações onde esta já existia.

> *Na realidade tais cartas, no geral, apenas instituíam "de lure", situações que já existiam de facto. E em certos casos a realidade vivida nunca teria sentido necessidade desse complemento de legalidade.* [1]

Em 1282, no reinado de D. Dinis, surge a menção de um documento que nos elucida sobre a existência da feira de Garvão desde tempos mais recuados.

Segundo Alberto Iria. *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do Século XIV (Subsídios para a sua História)*. Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1982:

> *Acontecera que, quando el-Rei D. Dinis esteve pela primeira vez no Algarve, em Silves, em 1282,*[2] *o Monarca firmou ali, a pedido e no interesse dos moradores do Algarve, um diploma da maior importância e que, infelizmente, parece não ter chegado até nós, relativo à cobrança do tributo da portagem pelos alcaides, meirinhos e porteiros dos lugares da Ordem de Santiago «e de todo o campo d´ourique...».*[3]

Os direitos de portagem eram taxas cobradas, tanto pelo concelho, como, neste caso, pela Ordem de Santiago, nas terras onde eram donatários, pela entrada e saída de mercadorias e pessoas (caso dos escravos), de lugares com feira, onde eram transacionados. Ainda segundo Alberto Iria:

> *Tal abuso verificava-se também em **Garvão** - outro importante lugar do Baixo-Alentejo, frequentado pelos mercadores algarvios da época onde aliás o referido pagamento «nunca foy costume de se levar...», (...) os moradores do Algarve começaram a sentir-se agravados por parte dos comendadores da Ordem de Santiago: «... agora de pouco tenpo aaca depois da morte del-Rey nosso Irmaão [D. Fernando] os comendadores [da Ordem de Santiago] per força a tomam e levam [a portagem] o que nunca foy levada dos moradores da dicta Çidade...» [de Silves].*
> *Determinou então o Monarca, no diploma em análise, dirigido a Estevão Domingues Falporrinho, a observância pura e simples do disposto na invocada carta del-Rei D. Dinis, dada em Silves, em 1282, como agora parece poder afirmar-se*[4].

Nas Cortes Régias de 1398, na cidade do Porto, os procuradores do concelho de Silves, com base na carta dada em 1282, pelo rei D. Dinis em Silves, devido ao abuso do *tributo da portagem pelos alcaides, meirinhos e porteiros dos lugares da Ordem de Santiago «e de todo o campo dourique...»*, solicitaram a D. João I, que pusesse cobro ao recente abuso verificado, onde os moradores do Algarve eram obrigados a pagar indevidamente duas portagens, a «da yda» e a «da tornada...».[5]

Diploma das Cortes Régias de 1398, na cidade do Porto, onde D. João I expressa o valor do diploma do seu bisavô, dado em Silves em 1282. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Cortes, Suplemento, Maço 4, pergaminho n° 25)

Assim, datado de 3 de Dezembro de 1398, D. João I em diploma dirigido a Estêvão Domingues Falporrinho, de Campo de Ourique, expressa o valor do mencionado diploma do seu bisavô, dado em Silves em 1282.

> *(...) sabede que o conçelho e homens boos da Cidade de silves nos envyarom dizer per seus procuradores a estas cortes que ora fezemos na cidade do Porto (...) todollos alcaides, meirinhos, e porteiros ara terra da de Santiago e de todo o campo d´ourique que os moradores do dicto regno do algarve lhe diserom que eles lhe tomavam portagens Nos logares honde nom era custume de as tomarem (...) E que ora de pouco tenpo aaca em alcaçere e em alvalade levam portagem da yda e da tornada o que dizem que he muy grande sem Razom e contra o foro da Çidade de lixboa que he o ogar mais onrrado dos nossos Regnos e em **garuam** hu nunca foy custume de se levar agora de pouco tenpo aaca (...) E que outrosy nom pagassem portagem em o dicto logo de **garuam** pois nunca fora custume de a pagarem. (...) Cidade do porto Tres dias de dezenbro EIRey o mandou Per Rodrigo annes ouvijdor da Rainha nom seendo hy os do seu desembargo. Gonçalo annes a fez Era de mjl e iiij e trinta e seis anos – Rodericus Johanis.* [6]

(**Garvão** e **garuam** a negrito, sublinhado pelo editor)

1 Maria Helena da Cruz Celho. *As feiras em tempos medievais. In: "vectores de desenvolvimento económico. As feiras da Idade Média à Época Contemporânea.* Actas do 3º Encontro de História", 2005, Vila do Conde, Câmara Municipal, p. 13.
2 (Nota 81) iria, Alberto. *Da importância Geo-Politica do Algarve, na defesa marítima de Portugal, nos séculos XV a XVIII*. Lisboa, 1976, p. 10.
3 Iria, Alberto. *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do Século XIV (Subsídios para a sua História)*. Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1982. Pág. 75.
4 Idem, pág. 76/77. (Nota 82) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Cortes, Suplemento, Maço 4, pergaminho n° 25.
5 Idem, pág. 76.
6 Idem, pág. 112/113/114.

ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS
12 DE OUTUBRO DE 2025

BRUNO da ENCARNAÇÃO
Eleito Presidente da Junta de Freguesia de Garvão

Novo Executivo Tomou Posse dia 30/10/2025

NOVOS MEMBROS
Da Assembleia De Freguesia De Garvão

JORNAL DE GARVÃO - Cláudia, pronta para presidente da Assembleia de Freguesia de Garvão?
CLÁUDIA GONÇALVES- Estou preparada e, acima de tudo, muito honrada. Garvão faz parte da minha história e sinto um grande sentido de responsabilidade. Quero estar ao serviço da freguesia com respeito, diálogo e transparência.

Cláudia Gonçalves
Presidente da Assembleia de Freguesia

JG - Qual o papel da Assembleia de freguesia?
CLÁUDIA GONLALVES- A Assembleia de Freguesia é o órgão que representa todos os cidadãos. É ali que se discutem e aprovam as propostas que influenciam a vida da freguesia. É também um espaço de escuta e de participação, onde a comunidade tem voz.

JG - Quais são os desafios que te esperam?
CLÁUDIA - O maior desafio é aproximar ainda mais as pessoas da Assembleia. Muitas vezes, a população não sente que este órgão lhes pertence, e eu quero ajudar a mudar isso. Outro desafio é garantir que conseguimos responder às necessidades reais de Garvão - sejam elas na área social, na dinamização da vila ou na valorização do nosso património. Vivemos numa freguesia pequena, mas com grande potencial, e isso exige trabalho, união e visão de futuro.

JG - Como planeias garantir a participação ativa dos cidadãos na Assembleia de freguesia?
CLÁUDIA - Quero que as pessoas sintam que a Assembleia está aberta a todos. Pretendo incentivar mais comunicação com a população, através de reuniões transparentes e bem divulgadas, e criar momentos onde os cidadãos possam colocar questões, sugerir ideias e dar contributos. A participação começa quando as pessoas sabem que são ouvidas - e isso será uma prioridade para mim.

JG - Quais são as principais preocupações e contributos dos cidadãos para a Assembleia?
CLÁUDIA - As pessoas preocupam-se com o essencial: melhores condições, apoio às famílias, segurança, limpeza, manutenção dos espaços públicos e oportunidades de dinamização. Há também muitas sugestões positivas e vontade de ver Garvão a crescer de forma equilibrada. O contributo da população é fundamental, porque são eles que vivem o dia a dia da freguesia e sabem exatamente o que é preciso melhorar.

JG - Como esperas que a Assembleia contribua para a dinamização da vila de Garvão?
CLAUDIA - Espero que possamos trabalhar todos no mesmo sentido: valorizar Garvão, criar iniciativas que tragam vida à vila e apoiar projetos que façam a nossa comunidade sentir orgulho. Acredito que, com diálogo e vontade, conseguimos reforçar o sentido de identidade e transformar ideias em ações concretas que beneficiem todos. Garvão tem muito para oferecer, e a Assembleia pode ser um motor importante desse desenvolvimento.

Juvenal Guerreiro

Manuela Soares

Paulo Martins

Em Conversa Com: ANA CATARINA Recém-Eleita Secretária da Junta de Freguesia de Garvão

JORNAL DE GARVÃO - Qual a principal prioridade da freguesia nos próximos anos?
ANA CATARINA - A nossa principal prioridade passa por fortalecer os serviços de proximidade e melhorar o dia a dia da população, respondendo às suas necessidades e garantindo que cada um se sente apoiado e ouvido. Queremos consolidar um trabalho contínuo, passo a passo, porque sabemos que nenhuma transformação acontece de um dia para o outro. O nosso foco é trabalhar ao lado da população, ouvindo as suas necessidades e definindo prioridades de forma participada.

JG - Existe um plano para a valorização e preservação do património histórico e cultural da freguesia?
ANA CATARINA - Sim. Temos um compromisso firme com a preservação do património histórico, cultural e a identidade de Garvão. Estamos a desenvolver projetos para restaurar e promover os nossos espaços e tradições, num trabalho colaborativo com associações, técnicos e sobretudo com a população, que é quem melhor conhece e valoriza a nossa história. Esperamos avançar brevemente com a recuperação do antigo Açougue e efetuar obras de beneficiação na Capela de São Sebastião e Cemitério velho.

JG - Quais são os planos para a realização de eventos culturais, na freguesia?
ANA CATARINA - Queremos reforçar a oferta cultural da freguesia, dando continuidade aos eventos já existentes, como é o caso do Mercadinho, e criando novas iniciativas que promovam a participação da comunidade, desde a celebração de épocas festivas à música, ao teatro, ao cinema, entre outros. O objetivo é construir uma programação regular, de forma gradual e sustentável, em parceria com as associações locais e apoio do Município.

JG - Que medidas se podem implementar para fomentar a coesão social entre os habitantes?
ANA CATARINA - A coesão social constrói-se com proximidade, participação e diálogo. Estamos empenhados em promover iniciativas que aproximem as pessoas, desde atividades para toda a comunidade a projetos intergeracionais. Ao criar condições para que a população participe ativamente na construção do futuro da freguesia, esperamos fortalecer o sentimento de pertença e a coesão, fazendo com que cada habitante sinta Garvão como um todo, uma comunidade unida em torno de um objetivo comum: o desenvolvimento da nossa freguesia.

JG - Existem iniciativas para a população idosa, como transporte, atividades de lazer e combate ao isolamento?
ANA CATARINA - Sim, este é um dos nossos focos prioritários. Estamos a desenvolver soluções de transporte e ações específicas de combate ao isolamento, apoiando associações que desenvolvem atividades na freguesia para manter a população idosa ativa. Nos eventos promovidos pela Junta, disponibilizamos transporte a quem precisa, conscientes das dificuldades que algumas pessoas têm em se deslocar. Paralelamente, contamos disponibilizar um espaço na freguesia para facilitar o acesso a serviços básicos e de apoio ao cidadão.

Em Conversa Com: MÁRIO LOURES Recém-Eleito Tesoureiro da Junta de Freguesia de Garvão

JORNAL DE GARVÃO - Que medidas estão a ser consideradas para garantir as necessidades da freguesia?
MÁRIO LOURES - A Junta está focada em garantir que todas as áreas essenciais da freguesia são valorizadas, desde a manutenção dos espaços públicos, à melhoria das infraestruturas e apoio direto às famílias. Estamos a trabalhar para responder às necessidades reais da população, sempre com uma gestão rigorosa e transparente dos recursos.

JG - Quais são os planos para a realização de eventos desportivos na freguesia?
MARIO LOURES - Queremos dinamizar o desporto local ao longo de todo o ano, criando eventos que envolvam diferentes idades. Aproveitamos as infraestruturas que já temos, como o campo de futebol e o Polidesportivo da Casa do Povo e estamos a preparar atividades que promovam a prática desportiva, o convívio e o bem-estar da comunidade.

JG - De que forma a Junta apoia as associações e coletividades locais?
MÁRIO LOURES - O movimento associativo é fundamental numa freguesia como a nossa. A Junta continua disponível para apoiar logística e financeiramente, sempre que possível e dentro das nossas possibilidades, todas as iniciativas que promovam a cultura, o desporto e a união da população. Pretendemos trabalhar lado a lado com as associações, porque sabemos que juntos tornaremos Garvão mais ativo e participativo.

JG - Que programas ou espaços existem para a ocupação dos tempos livres da população?
MÁRIO LOURES - Apostamos em oferecer opções para diferentes faixas etárias. Temos espaços como o parque infantil, o polidesportivo da Casa do Povo e a barragem do Monte da Rocha que permitem várias atividades ao ar livre. Vamos desenvolver programas que incentivem a prática desportiva, a socialização e a vida saudável.

JG - Iremos ter futebol em Garvão?
MÁRIO LOURES - Sim, estamos a trabalhar para que o futebol regresse a nossa vila, queremos envolver os jovens e as associações locais nisso, garantindo que o desporto volta a ser um elemento forte da identidade de Garvão. O objetivo é que já na próxima época desportiva 2026/2027 Garvão volte a ter Equipa de Futebol.

ANTIGOS COMBATENTES DO ULTRAMAR Almoço-Convívio em Garvão

Por iniciativa de alguns antigos combatentes realizou-se no dia 17 de Novembro do corrente ano, em Garvão um almoço-convívio no Café-restaurante Martins, localizado no Bairro da Sardôa que contou com a presença de dezassete veteranos de guerra, residentes em Garvão e mais três veteranos de Ourique.

Presidiu ao almoço o Sr. Vice-Almirante Álvaro Sabino Guerreiro e esteve também presente o Sr. Bruno da Encarnação, recém-eleito presidente da Junta de Freguesia da nossa vila.

Memorial Erigido pela Liga dos Combatentes. Em Belém - Lisboa.

Este evento serviu para unir os veteranos de guerra e manter viva a memória dos feitos e sacrifícios passados em Africa.

Como afirmou um antigo combatente "uma pessoa sentir-se só no meio do mato, durante uma emboscada, com a vida por um fio é coisa que deixa sulcos profundos na alma".

Em conclusão, a opinião geral foi muito positiva no que se refere ao almoço e ao agradável convívio, ficando a promessa da realização de mais encontros.

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoa, nº 38
Garvão
Joaquim Martins Moreira Costa
Tel. 936 347 e 932 592 913

Q Bonita
BOUTIQUE
Teresa Paula Mendonça
Largo da Palmeira - Garvão

LIVRO SUL E SUESTE

Uma Nova Leitura

Um livro de novelas de recordações de infância, ou um livro político disfarçado de contos?

Foi preciso coragem...

Foi preciso coragem, tanto para Joaquim da Costa, irmão de José Júlio da Costa - o natural de Garvão que matou o presidente de República Sidónio Pais - como para as Oficinas da Gazeta do Sul, sediada no Montijo, em publicarem este livro.

De facto, tanto Joaquim da Costa, tido como republicano e firme oposicionista ao Estado Novo, como as Oficinas da Gazeta do Sul, onde o Administrador do Concelho do Montijo em Ofício dirigido ao Director da Secretaria de Propaganda Nacional, em 1936, denunciava que um destacado membro do Partido Democrático era o chefe da Redação.

Joaquim da Costa, cedo enveredou pela vida académica, formando-se em advocacia em Lisboa e é já como advogado que publica este livro (com a idade 35 anos); veio a falecer em 1983.

As Oficinas da Gazeta do Sul

As Oficinas da Gazeta do Sul, embora tivessem mantido uma prudente distância em relação ao poder político, a Gazeta do Sul não preencheria, os requisitos ideológicos exigidos por lei para obter a publicação de anúncios dos serviços públicos, porque não seguia os ditames do Estado Novo.

Podemos estar aqui perante mais qualquer coisa, do que um simples autor a escrever as suas memórias de infância, entre outros episódios.

E está de tal maneira bem concebido que conseguiu furar a tremenda barreira da censura do Estado Novo que nesta altura era terrível, para se livrarem dos elementos do Partido Democrata de Afonso Costa que ainda persistiam, e que praticamente dominaram a primeira republica, até á instauração da ditadura em 1933, saído do golpe militar de 28 de Maio de 1926.

O Estado Novo implementou uma forte censura prévia, não só limitada à imprensa, mas igualmente a todas as formas de expressão cultural, (Teatro, Cinema, Televisão), com o objetivo de controlar a informação e a opinião pública.

A Censura do Estado Novo

A censura prévia impediu a publicação de muitos livros, mas alguns autores usaram estratégias para que as suas ideias políticas chegassem ao público. Através da alegoria e da metáfora, alguns autores conseguiam contornar a censura, assim como através de pseudónimos, de obras simbólicas ou publicações fora de Portugal, ou que assinavam com nomes diferentes em Portugal e no estrangeiro.

Crónica do Poeta João da Graça

Neste livro de Joaquim da Costa, encontramos por vezes uma pouco disfarçada intromissão na vida politica nacional, descreve na *Crónica do Poeta João da Graça*, a vinda do poeta António Gomes Leal (tido como próximo das ideias socialistas), a Garvão para uma acesa disputa poética com os poetas da terra, nomeadamente com João da Graça, pai do *Ti´Farrapinho*, na hospedaria do Manuel Rosa, (pai de Caetano Rosa, o conterrâneo que José Júlio da Costa trouxe para Lisboa quando veio cometer o atentado).

Com o irmão, José Júlio, ainda preso, pelo acto que cometeu (viria a falecer em 1946), não seria fácil a Joaquim da Costa, fazer referências directas aos acontecimentos da época, nem descrever episódios da vida do irmão José Júlio enquanto vivo.

José Júlio da Costa, boémio, frequentador activo da vida noturna lisboeta, (assim como Gomes Leal), viu-se aqui, neste livro, ignorado, como o natural de Garvão que trouxe o poeta de Lisboa para a vila, ainda lembrado pelas gentes da terra, nos finais do século passado.

Novela João Teles

Na novela *João Teles*, Joaquim da Costa não resistiu em trazer para este livro o Anarquista Gonçalves Correia da Comuna da Luz, nas Fornalhas Velhas, que tanto marcou as gentes da região e preso, pelos acontecimentos do Vale de Santiago, pela Greve Geral de 18 de Novembro de 1918, (na qual José Júlio da Costa, interveio, a pedido das autoridades, como mediador, para por termo ao conflito e rendição dos trabalhadores revoltosos.

Vamos assim encontrar detalhes dos meios operários de Lisboa, não só as discussões, entre os admiradores das figuras públicas que caracterizaram a primeira República; Afonso Costa, Brito Camacho e António José de Almeida entre outros, mas, igualmente, o Anarquista Roberto Gonçalves, de barbas, agitador, grevista, revolucionário de ideias avançadas. Obviamente uma analogia ao Anarquista Gonçalves Correia da Comuna da Luz nas Fornalhas Velhas, (Odemira).

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisoes
Telef. 286 555 111
GARVÃO

Cont. N.º 901 697 621
M.B.R
Comércio de Bebidas
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.os
ARMAZENISTA DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 — Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8 OURIQUE

Apresentação do livro "Sul e Sueste – Prosas de Além-Tejo" na "Associação Sénior Castrense"

No dia trinta de Outubro, foi apresentado, na sede desta Associação em Castro verde, o livro "Sul e Sueste – Prosas de Além-Tejo", de 1940, da autoria de Joaquim da Costa, uma coletânea de prosas sobre o território do Baixo Alentejo, editada em 1940 e escrita por Joaquim da Costa, natural de Garvão, e reeditado pelo editor deste jornal.

A apresentação contou também com a presença do antropólogo Carlos Pedro, que durante o diálogo, trouxe de volta o autor, a sua terra natal — Garvão —, e as histórias que atravessam esta obra.

Falou-se de pessoas, de memórias, de tradições, e de pequenos pormenores que, do ponto de vista antropológico, muito revelam sobre o Alentejo e a sua gente nos anos quarenta do século passado.

"Associação Sénior Castrense"

Um Exemplo a Seguir: Quando a Dedicação Move Vontades

A Associação Sénior Castrense, fundada em 2010 e sediada em Castro Verde, dinamiza:

- **A Universidade Sénior de Castro Verde.**
- **A Oficina de Costura Solidária.**
- **O Atelier dos Brinquedos.**
- **O Coro Polifónico de Castro Verde.**
- **A Bela Companhia de Teatro.**

A Associação Sénior Castrense é uma associação sem fins lucrativos, sediada em Castro Verde.

Nos seus quinze anos de atividade, a ASC tem vindo a desenvolver um trabalho de excelência no âmbito da melhoria das condições e da qualidade de vida dos seniores do concelho e na promoção de um envelhecimento ativo e saudável.

Este projeto social, cultural e educativo representa um espaço de encontro na comunidade, estimula um espírito de convivência, de solidariedade e de formação, desenvolvendo ininterruptamente desde a sua criação, atividades nas áreas sociais, culturais e formativas promovidas para e pela população sénior.

MONTARAZ
GARVÃO

Drogaria Carapinha
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS -RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 — GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Caixilharia de Aluminio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos
Orçamentos e Deslocações Grátis
Tel./Fax 286 555 164 — Rua Nova 25-B — GARVÃO

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoa
Lote 38
Padaria Martins
Rua de Ourique,22
de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tel.s - 936 347 021 e 9[illegible] 913

DR. MARCELO

REELEITO PRESIDENTE DA CÂM

O resultado obtido nas eleições autárquicas de 12 de Ou
Guerreiro à frente dos destinos da aut
Objectivos e prioridades

Habitação, Desenvolvimento Económico e Educação marcam rumo do novo mandato em Ourique

O município inicia novo ciclo político com um programa abrangente, orientado para melhorar as condições de vida, reforçar a atratividade do concelho e a coesão territorial. **Habitação, Desenvolvimento Económico e Educação** são as prioridades do mandato em Ourique. A par destes eixos estratégicos, avançam investimentos decisivos na saúde, no território, na cultura, no ambiente, no desporto e na proteção civil. Em Garvão, a nova Extensão de Saúde, prevista para meados de 2026, e as intervenções já programadas reforçam a aposta na coesão territorial.

A confiança renovada da população dá força a um caminho assente na proximidade e no compromisso com o futuro do concelho. O programa apresentado é amplo e responde às necessidades reais do território, abrangendo todas as dimensões essenciais da vida coletiva. Mais do que enumerar medidas, importa afirmar a visão que guia este novo ciclo: servir melhor, desenvolver com equilíbrio e preparar Ourique para os desafios das próximas décadas.

No primeiro mês de mandato, cumprimos a primeira promessa eleitoral. Foi celebrado com a Santa Casa da Misericórdia de Ourique o protocolo que inicia a **ampliação da creche**, permitindo criar uma nova sala e reforçar o apoio às famílias.

Garvão tem pela frente um conjunto de projetos decisivos para os próximos quatro anos.

A nova **Extensão de Saúde** está em construção e deverá ficar concluída em meados de 2026, reforçando os cuidados de proximidade. No mesmo horizonte, prevemos avançar com a nova **ETAR de Garvão** e com a **requalificação da ponte da Estação**, melhorando infraestruturas essenciais à mobilidade e à qualidade de vida.

Faz ainda parte do programa a **criação do Museu do Depósito Votivo de Garvão**, valorizando o património arqueológico da freguesia. Este conjunto de investimentos exprime a ambição que definimos para Garvão, sem esgotar o trabalho que queremos desenvolver. Continuaremos, igualmente, a reforçar a Feira de Garvão e o apoio às associações locais, preservando a identidade e a dinâmica comunitária.

Na Habitação, avançam respostas concretas. Está em fase final a **reabilitação do Bairro do Rosal**, prossegue a **adaptação da antiga Casa dos Médicos** e preparam-se intervenções na **antiga Casa Senhorial** e no **edifício da Segurança Social**. O programa prevê ainda novos loteamentos e incentivos à reabilitação, incluindo uma bolsa de imóveis devolutos, rendas acessíveis e apoios dirigidos a jovens.

O GUERREIRO

MARA MUNICIPAL DE OURIQUE

tubro de 2025, assegurou a continuidade do Dr. Marcelo tarquia para os próximos quatro anos. para este novo mandato:

No Desenvolvimento Económico, o Centro Empresarial de Ourique.

É o projeto-âncora deste mandato. O processo encontra-se em evolução positiva, reconhecendo-se a complexidade associada a projetos desta escala. Paralelamente, iremos reforçar o apoio às PME, ao empreendedorismo, continuaremos a valorizar os produtores locais e a promover o investimento em setores estratégicos. Outros dos objetivos é consolidação de **Ourique como Capital do Porco Alentejano**, valorizando as feiras do Porco Alentejano, de Garvão e Saberes & Sabores.

Na Educação, o foco está na **requalificação do Jardim de Infância e da EB1 de Santana da Serra**, no **arranque da expansão do Centro Escolar** e na modernização dos espaços educativos. Serão reforçadas as **bolsas de estudo** e criadas **oficinas de Cante Alentejano**, música e expressão artística.

Na Saúde e Apoios Sociais, além das novas **extensões de Garvão e Panóias**, destaca-se a abertura do **novo Centro de Saúde de Ourique** que estará para breve. Mantém-se a comparticipação de medicamentos, reforça-se a atração de profissionais e aprofundam-se as parcerias com IPSS e associações.

No Território e nas Infraestruturas, o programa inclui pavimentações, requalificações urbanas, renovação de redes de abastecimento, reorganização do trânsito em Ourique, reabilitação urbana da aldeia das Alcarias, o **Parque de Lazer do Monte da Rocha** e a **transformação da antiga escola de Panóias em Centro Comunitário**. A **ligação de Alqueva ao Monte da Rocha**, a concluir em 2026, marca um salto estrutural na segurança hídrica.

Na Cultura, Turismo, Desporto, Ambiente e Proteção Civil.

O programa contempla a criação do **Arquivo Digital de Memória de Ourique**, a **reabilitação da Torre do Relógio** e a instalação do **Museu do Depósito Votivo de Garvão**. Prevê ainda novos percursos pedestres, a expansão do Pavilhão Multiusos, a execução do Plano Municipal de Ação Climática, o desenvolvimento de comunidades de energia renovável e o reforço do apoio aos Bombeiros Voluntários de Ourique e à GNR.

"**Sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança**", escreveu António Gedeão em *A Pedra Filosofal*. Mas, na vida pública, sabemos que sonhar não basta. **Se bastasse sonhar, já estaria tudo feito.** Gerir os destinos de uma autarquia é transformar visão em obra, ambição em projeto, desejo em realidade. É navegar procedimentos cada vez mais exigentes e complexos, que tantas vezes travam o ritmo que gostaríamos de imprimir. Ainda assim, cada obra lançada, cada investimento preparado e cada compromisso cumprido demonstra que o caminho está traçado — e que o futuro de Ourique se constrói passo a passo, com rigor e perseverança.

E é com essa determinação — **com sonhos que nos movem e trabalho que lhes dá forma** — que continuaremos a servir o concelho ao longo deste mandato.

FUNERÁRIA ALENTEJANA
Ourique - Sabóia - Colos - Garvao
S. Luís - V. N. Mil Fontes

Joaquim Gonçalves 938610895
Elio Guerreiro 969163670
932609540
Pedro Gonçalves 932609541

Agencia Funeraria Alentejana
Funerais e trasladaçoes para todo o país

Sede:
Rua Eng. duarte Pacheco 1-3
Apartado 43
7690-909 Ourique
Tel - Fax 286 512 561
Email: funalentejana@sapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
loja 30 Cave

Rua Gago Coutinho 72
7665-820 Sabóia
Tel - 263 882 117

Estrada Nacional
S. Luís
Odemira

Salão Mila
Emília M.ª Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telem. 96[illegible] 545 GARVÃO

CANTE A DESPIQUE
Património único do Sudoeste Alentejano

IN: António Machado Guerreiro, "O cante a despique", in *Revista Lusitana – Nova Série*, 2, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos / Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, p. 61.

Quando se fala no cante a despique, – seja no Norte do país ou no Algarve – a noção que se tem é do canto à desgarrada ou ao desafio. Porém ao se comparar o modo particular deste cantar, chega-se à conclusão que só neste canto do Sudoeste Alentejo, dobrando a serra para o Algarve, se encontra, de facto, esta peculiar forma de canto.

Contudo, não confundir com o cante ao "Baldão", forma de cantar "á balda", tipicamente também desta região, sem as regras que regem o cante a despique.

Todavia, segundo o programa da RTP, *Povo que Canta*, o cante a despique actualmente está desvirtuado da sua forma original e sofre influências estranhas à sua pureza tradicional, (introduzindo diferentes tonalidades e instrumentos musicais).

O despique na sua forma original tem raros interpretes, homens de idade cuja voz já não segura o canto. Os mais novos, quando integrados no despique fogem à melopeia ancestral e procuram efeitos fadistas a que os mais velhos nem sempre são insensíveis.

Não se encontra nenhuma outra forma de cante que se assemelhe à estrutura do cante a despique, seja nos outros cantares populares como inclusivamente na poesia portuguesa. A estrutura estrófica, ABCA+BA do cante a despique é totalmente diferente da do cante ao baldão, ABCB+CB, ou por assim dizer de qualquer outra estrutura estrófica conhecida.

No cante a despique a estrutura é diferente não só das quadras de todos os cantares populares mas ainda de toda a poesia portuguesa que conhecemos. De facto, cremos que debalde se procurará na nossa poesia, desde a dos Cancioneiros até à actual, composições com a estrutura estrófica do cante a despique — ABCA + BA, em que o primeiro verso rima com o quarto, o segundo e o terceiro versos são brancos, o segundo se repete como quinto e o primeiro figura como sexto. Assim, por exemplo:[1]
(os dois primeiros versos repetem-se)

Canta lá, ó meu amigo, (A)}
Que a cantar ninguém me enrola. (B)
A ti e aos outros todos (C)
Eu já vou chamar um figo. (A)
Que a cantar ninguém me enrola, (B)
Canta lá, ó meu amigo. (A)

Mas a grande singularidade e riqueza do cante a despique, é a obrigatoriedade de organizar a estrofe em volta de um ponto pré-combinado no final do segundo verso e o primeiro verso rimar com o quarto e as penalizações daí decorrentes, para quem as falhar, - para além de ter de pagar uma rodada de copos de vinho ou de outra bebida, também a humilhação sofrida -, como exemplarmente e em devido tempo, António Machado Guerreiro as descreveu em "*O cante a despique*"[2].

Na combinação estipulam-se as regras, mas uma e inalterável, está fora de combinações, nem sequer se menciona: não vale «pisar o ponto». As outras regras derivam do acordo: não vale toantes (só consoantes) para ponto; não vale (ou vale) toantes para a rima (1.° e 4.° versos) ; não vale «roubar o ponto» (empregar a terminação ponto, no fim de qualquer verso que não seja exactamente o segundo, que depois se repete como quinto), entre outras regras conforme a combinação.

Combina-se ainda se o que pratica qualquer das faltas bebe ou não bebe vinho na rodada que paga, ou na mais próxima. É claro que há tantas mais proibições quanto mais reconhecida é a categoria dos cantadores.[3]

Assim, desde a falta de rima, noção do que é rima *toante* e rima *consoante*, falta de ponto ou pisar o ponto, - repetir uma palavra já utilizada por outro cantador -, constituem regras que não só prestigiam o vencedor, como igualmente humilham quem se engana, vítimas das gargalhadas, troças e críticas mordazes e escarnecedoras da assistência.

O bom cantador a despique improvisa no momento que vai cantar, nunca utilizará as estrofes de outro cantador, mesmo utilizadas noutra ocasião.

O cante a despique deverá ser, das maneiras de cantar alentejanas, a menos colectiva. No cante a despique a estrofe é pessoal, improvisa-se para o momento em que se vai cantar, não se escreve, não se aprende. E se é certo que os bons cantadores fixam estrofes para utilizarem noutras ocasiões, não é menos certo que elas são suas, e um bom cantador não utilizará as que outro tenha criado.[4]

Veja-se igualmente os exemplos dados por António Machado Guerreiro, recolhidos em Colos, nos finais dos anos sessenta, em torno do ponto *ida*:
(os dois primeiros versos repetem-se)

Coitado de quem não tem (A)
*Nem caminho nem guar**ida**. (B)*
Vive aí abandonado, (C)
Sem carinhos de ninguém. (A)
Nem caminho nem guarida (B)
Coitado de quem não tem. (A)

O parceiro seguinte tem de encontrar para o final do seu segundo verso uma palavra terminada em -ida, que é o ponto. Cantará, por exemplo, assim:
(os dois primeiros versos repetem-se)

À falta de saber ler (A)
*Há muita gente atrev**ida**. (B)*
Se não há conhecimento, (C)
Às vezes vão a sofrer. (A)
Há muita gente atrevida (B)
À falta de saber ler. (A)

---

[1] António Machado Guerreiro, "O cante a despique", in *Revista Lusitana – Nova Série*, 2, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos / Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, p. 61.
[2] Idem. P. 61.
[3] Idem. P.66.
[4] Idem. P. 64.

LAGAR DE CERA DE GARVÃO
A "PEDRA" JUNTO À PORTA DO SR ZÉ CONDUTO NA ANTIGA RUA DIREITA

No "Livro do Tombo do Concelho de Garvão", com a data de 9 de Maio de 1826, consta, no fólio trinta e nove, a menção ao *Lagar de Cera, pagando em cada anno no dia de Natal*, 100 réis, ao Concelho.

Tinha de comprimento, aproximadamente 24 metros e de largura, cerca de 22 metros. Sobre o local onde se situava, se por um lado menciona a Rua da Igreja, por outro lado menciona a Estrada Real e o Curral do Concelho, sendo a sua localização imprecisa neste momento.

Auto de Vistoria, Medição, Confrontação e
Tombação de hum terreno.
O Terreno do Lagar de cera junto a esta villa, de que he Ephyteuta Maria de Jesus, paga de fôro pelo Natal - - - 100 (réis)
(…) no princípio da rua da igreja o terreno de que é ephyteuta Maria de Jesus viúva de Diogo Domingues (…)
(…) nelle se achava edificado um hum Lagar de fabricar cêra Amarella, com todos os seus pertences, e hum quintal de semear murado de taipa e pedra, e nelle duas oliveiras, e huma figueira (…)
(…) que parte do Norte com rua, do Nascente com estrada Real, do Sul com curral do Concelho e do Poente com casas do mesmo ephyiteuta (…)
(…) tem de comprimento de Norte a Sul vinte e quatro varas; na cabeceira do Norte dez; e na do Sul dezanove varas e meia (…)[1]

Tratava-se de *hum Lagar de fabricar cêra Amarella*, usada na preparação de vernizes, substâncias de limpeza e conservação de móveis; a mencionada descrição não menciona a fabricação de cera branca, usada quase exclusivamente na fabricação de velas tradicionais para iluminação e velas religiosas.

Exemplo do "Peso" onde se prende o parafuso que força a trave na prensagem no lagar de Cera

Montagem da "Pedra" que se encontrava na esquina da casa do Sr. Zé Conduto; tudo aponta para que seja o peso, do lagar de cera.

O processo de fabricação envolvia um moroso processo de aquecimento, prensagem e decantação.

Na fase de prensagem, numa enorme viga, estava encaixada num parafuso de madeira que dois ou quatro homens rodavam e ao baixar a viga, esta fazia pressão no recipiente com a cera para a escoar. Este parafuso de madeira estava preso a um enorme peso que forçava igualmente a trave para baixo na ajuda à prensagem.

A pedra que se encontrava na esquina da casa do Sr. Zé Conduto, tudo aponta para que seja o peso, do lagar de cera, que força a trave para baixo.

Junto à porta da loja do Sr. Zé Conduto, loja de roupas e chapelaria nos anos sessenta do século passado, na rua Direita, à esquina da ladeira que dá para a ribeira, estava uma pedra redonda em forma de mó, de grandes dimensões, branca, possivelmente de calcário ou de mármore.
As suas dimensões não correspondem ao tamanho das pedras de mó conhecidas, demasiado larga, alta e pesada para tal função, terá de se procurar a sua utilização noutra actividade.

O mencionado peso, encontra-se atualmente enterrada, junto à pequena ponte do Perú, para onde foi rebolado, por altura da segunda fase de requalificação do leito e margens da ribeira em 1976.

[1] Em Portugal, antes da introdução do sistema métrico, a vara era uma antiga unidade de medida linear com o valor de aproximadamente 1,10 metros. Era uma unidade base de comprimento, utilizada nomeadamente na construção, que podia subdividir-se em 5 palmos ou 3 côvados.

CARREIRA "BELO"
O Condutor Eduardo e o Revisor Eugénio

Andar na camioneta da "Carreira", há quarenta ou cinquenta anos atrás, com o condutor Eduardo, era uma aventura que muitos recordam, uns com terror, outros perplexos com tais façanhas e infelizmente com a morte de um jovem, estudante em Ourique.

Recordam estas peripécias, principalmente os moços da escola que iam para o "segundário" em Ourique e segundo as indicações do revisor Eugénio, tinham de contrabalançar a "Carreira", indo de um lado para o outro, para esta não capotar.

Segundo os diversos testemunhos:

Filomena Franco:
(…) o autocarro foi ficar dentro da taberna do Sr. António Pereira. Por sorte não morreu ninguém. Só feridos ligeiros.

Manuel Francisco
(…) a minha mãe ia no autocarro, ficou com ferimentos ligeiros.

Alcídio António:
O Eduardo uma vez ia quase virando o autocarro em frente à casa do sr. Paulo, à entrada da avenida Gonçalo Nobre Valente, logo a seguir ao cruzamento. Havia aí uns buracos, chegou o autocarro demasiado para a berma, e como o piso estava escorregadio, o autocarro escorregou com as rodas da frente e de trás do lado direito pela berma abaixo e só não virou por sorte. Teve de ir lá uma camioneta e um tractor para o puxar para a estrada.

Esse homem era um perigo a conduzir (bêbado).

Maria Benvinda Soares:
Começava a beber no Cercal e em todas as tascas que encontrava até Garvão, onde, numas boas vezes, já tinha petisco à espera e ... os passageiros à espera de seguirem viagem.

Maria Benvinda Soares:
A seguir á ponte do Cotovio atropelou um rebanho, matando muitas ovelhas, outras foram para abate feridas. O revisor que andava com ele andava sempre com medo. E quando íamos para Ourique, o autocarro nas curvas quase que levantava as rodas, e o revisor gritava: moços, encostem-se todos para a direita, depois para a esquerda, para contrabalançar o peso. Grandes sustos.

José Francisco:
Em Ourique, subia a rua, e entrava directamente na garagem, sem fazer qualquer manobra.

Susana Gonçalves
Lembro me bem desse senhor uma vez perdeu um bidon que ia para ourique, para trazer gasóleo para o Cercal.

Mário Conduto:
Era uma pessoa e condutor muito especial, conheci muito bem

Garvão (facebook)
O Sr. Eduardo era um perigo ao volante, na altura em que se conduzia bêbado.

Garvão (facebook)
Outra vez foi contra os táxis estacionados ao pé dos Bombeiros Velhos.

Na década de sessenta, o autocarro começou a andar sozinho e se não fosse a rapaziada que estava a jogar à bola, esta tinha ido parar à placa, com os passageiros lá dentro, enquanto bebia mais um copo no café Central. (ainda o Sr. António Revés não tinha construído os edifícios no Largo da Amoreira e era um espaço amplo).

(…) acho que uma vez também capotou a carreira.

(...) atropelou uma mulher da Aguentinha em Ourique.

Garvão (facebook)
Em Ourique matou um miúdo da escola e não matou mais porque os outros conseguiram fugir. E ainda outro rapaz ficou ferido ao partir a montra da EPAC com o próprio corpo para ir lá para dentro.
Um dos rapazes que fugiu foi o José Conceição

José Conceição:
Aquele tipo andava sempre bêbado, não sei como não teve mais problemas.
(…) saí de lá nesse preciso momento, o autocarro foi bater nos moços. Morreu o moço da estação de Ourique. Se não estou em erro chamava-se Manuel António.
O motorista estava completamente bêbado.
Foi há uns 40 anos.

O revisor tremia que nem varas verdes

Da boca do Revisor Eugénio, ouviam-se amiúde palavras como: "agarrem-se moços, que é hoje qu´isto vira", ou no final do dia depois de mais um dia conturbado, desabafava, "hoje esteve quase"; era uma constante preocupação e uma tormenta e farto de tantos sustos, o Sr Eugénio abandonou o cargo de revisor e foi trabalhar para as obras como servente de pedreiro em Vila Nova de Milfontes.

CÂNHAMOR
ECOblocos®
Sardoa - Garvão

Queijaria
Quinta da Carvalheira
de Ourimira lda

AUGUSTO GUERREIRO MESTRE

Herói das campanhas de África, em Moçambique, pela captura do régulo Gungunhana e condecorado com a Medalha rainha D. Amélia.

Augusto Guerreiro Mestre, nasceu na Aldeia Nova (no concelho de Ourique e junto à actual albufeira da barragem da Rocha), dia 27/3/1873 e viria a falecer, também na aldeia Nova, com 83 anos, dia 3/2/1956. Era pai de cinco filhos, incluindo Maria Augusta que viria a casar com José Loução, moradores na rua Nova da Vila de Garvão e pais de vasta prole, incluindo António Loução, mais conhecido por "Mudo".

O seu acto de bravura, com apenas vinte e dois anos, foi recordado por um jornal nacional, que se reproduz, e relata o envolvimento deste na guerra em Moçambique pela captura do régulo Gungunhana.

Augusto Guerreiro Mestre, herdou a profissão de moleiro de seu pai, Inácio Mestre, também moleiro na Aldeia Nova, onde casou com Bárbara Inácia, nascida a 16/9/1877, descendente das famílias Grazina e Soares/Loução.

Segundo informação familiar, Bárbara Inácia viria a falecer nova, em 1918, pela pneumónica, que grassou pelo país por esta altura e Augusto Guerreiro Mestre casou em segundas núpcias com Ludovina Antónia, no dia 13/5/1922.

Augusto Guerreiro Mestre

AUGUSTO GUERREIRO MESTRE
84 anos[1]. vive em Aldeia Nova, freguesia do Concelho de Ourique.
Assentou praça em Infantaria 15, de Lagos, transitando depois para a infantaria 2.
Saiu de Lisboa numa expedição, para Lourenço Marques, seguindo depois para Marracuene, onde as tropas se dividiram, indo Augusto Mestre com o contingente que combateu em Mongul, sob as ordens dos capitães, Almeida Pinto e Ferreira de Andrade.
De Mongul regressou a Lourenço Marques, onde se juntou às forças comandadas pelo capitão Mouzinho, já depois de prisão de Gungunhana.
Veio para Lisboa no mesmo barco que trouxe o régulo prisioneiro.
Foi condecorado com a Medalha da Rainha Dona Amélia e assistiu a um banquete oferecido pelos reis às forças que tinham tomado parte das campanhas de África.

A batalha de Marracuene foi um combate que se travou a 2 de fevereiro de 1895, nas proximidades de Marracuene, Moçambique, entre as forças Rongas comandadas pelo jovem príncipe Zixaxa com cerca de 4 000 guerreiros e as forças portuguesas, comandadas pelo major Alfredo Augusto Caldas Xavier, compostas por 37 oficiais e 800 soldados. A superioridade das armas de fogo ocidentais (canhões e metralhadoras) foram cruciais para a vitória da tropa Portuguesa.

A batalha de Mongul (ou Magul), deu-se no dia 8 de setembro de 1895. A tropa portuguesa era liderada por Alfredo Augusto Ferreira de Andrade e dispunha de 275 soldados europeus, auxiliados por 500 ajudantes africanos (na sua maioria angolanos), e os guerreiros tribais Ronga, liderados por nuã-Matidjuana caZixaxa Mpfumo e pelo seu primo Mahazul, compunham-se de cerca de 6.000 homens. Ao fim de duas horas de combate, as forças de Gungunhana retiram, deixando para trás 400 mortos. Do lado português contabilizaram-se 5 baixas entre os soldados continentais.

Depois desta vitória, estava aberto o caminho para a derrota das forças africanas e da prisão do régulo Gungunhana.

[1] Esta idade, noticiada por este jornal, não corresponde à diferença entre o nascimento e falecimento averbado no assento de baptizo.

DESASTRE DO RÁPIDO DO ALGARVE EM 13/9/1954

Joaquim de Jesus Severino, natural de Garvão, fogueiro no comboio que descarrilou entre Pereiras-Gare e Saboia

Agradecimentos pela informação prestada a: Fernando Madeira, Ezequiel Firmino e Soledade Pereira.

Entre Saboia e Pereiras,
O rápido descarrilou,
Entre feridos e mortos,
Pouca gente se salvou.

Esta era uma das quadras que se ouviam em Garvão, depois do descarrilamento do rápido do Algarve, entre o apeadeiro de Pereiras-Gare e a estação de Saboia, em treze de Setembro de mil novecentos e cinquenta e quatro, do qual resultou 34 mortos e 34 feridos, onde um natural de Garvão, Joaquim de Jesus Zeferino, ou Joaquim Zeferino, como era mais conhecido, era fogueiro.

Joaquim Zeferino esteve hospitalizado, durante longo tempo, no hospital de Beja, onde o jornal "Diário de Lisboa" o entrevistou em 14/9/1954:[1]

À Estação de Garvão afluíam as pessoas da terra num sentimento de compaixão e comunhão para com os acidentados: dos combóis que passavam ouviam-se gritos aflitivos de dor dos feridos com destino a Beja. As carruagens que levavam luzes eram as dos feridos, as que não levavam luzes eram as dos mortos.

Segundo o *Diário de Lisboa*:

Da Máquina tombada sobre a via, com o carril completamente desfeito, salvaram-se, como se fosse por milagre, o fogueiro Joaquim Zeferino, com algumas escoriações, chefe-maquinista e o maquinista Manuel Madeira e José Guilherme, que ficaram ilesos.[2]

O chefe de maquinistas, Manuel António Máximo, vinha também junto do maquinista Guilherme de Oliveira e do Fogueiro Joaquim (…), que tripulavam a máquina do comboio descarrilado recebeu vários ferimentos. O maquinista ficou ileso e o fogueiro com ferimentos graves recolheu ao hospital de Beja.[3]

Eu (Manuel António Máximo) e o Fogueiro devemos a vida ao maquinista. Momentos antes do desastre, sentimos uma leve pressão na máquina. Quase impercetível e logo a seguir esta tombou sobre o lado esquerdo da ribanceira. Levantando-se montões de poeira de ambos os lados da trincheira. Ao mesmo tempo que rebentava a água do "tênder", que formou um lamaçal, espécie de argamassa misturados com pedaços de ferro torcidos e tábuas, tampas de caixas, que nos serviam de defesa, evitando que eu e o fogueiro ficássemos soterrados e debaixo da máquina.[4]

Diario de Lisboa

A catástrofe de Saboia: 34 mortos e 34 feridos

A poucos metros do local do descarrilamento

As declarações do fogueiro do "rápido":

Entretanto, no hospital de Beja ouvimos uma das principais testemunhas da tragédia. O Fogueiro Joaquim (…), de 39 anos, casado. É um homem de rosto duro, nos cabelos e no rosto, ainda tem pó e terra. O braço ligado com o ferimento grave. Na cabeça, uma outra ferida, muitas escoriações pelo corpo. Nos seus olhos, a tristeza e dor.

- Como se deu?

- Olhe nem sei. Depois foi tudo muito rápido. Tão confuso.

- Não se aperceberam do que se ia passar?

- Não. O maquinista, quando senti o comboio "fugir-lhe" deitou a mão ao manípulo, mas já nada pode fazer. Apesar de irmos a uma velocidade superior a 45 km por hora, segundo os meus cálculos.

E acrescenta, levanta a mão ao rosto ensanguentado:

- Só ouvi aquele ruído enorme, a confusão de madeira e ferro que se quebravam e contorciam, num fragor indescritível. Parecia que tinha rebentado uma bomba. Ainda pensei que ia Caldeira, que levava uma pressão de 13 kg, ia explodir.

Depois de um breve silêncio, como que a recordar do que se tinha passado, diz:

- Só sei que fiquei com a cabeça entalada contra o talude, do lado esquerdo da via férrea. para onde a máquina tombara, entre o esguichar de vapor e os gritos, que já então se levantavam do comboio. Fiquei quase inconsciente e foi o maquinista que nos ajudou a sair da crítica situação em que nos encontrávamos. Lembro-me de ter sido conduzido para umas terras próximas e ver, entre nóvoas, o espectáculo alucinante de dezenas e dezenas de pessoas a fugirem dos escombros espavoridas. Assim fiquei até ser transportado aqui para Beja.

- O desastre deu-se numa curva?

- Sim foi numa curva e creio que o comboio descarrilou devido ao mau estado do carril.

A mulher do fogueiro está a seu lado sentada na cama do sinistrado, chora convulsivamente agarrada às mãos do marido.[5]

[1] Nesta reportagem, os diversos repórteres do jornal *Diário de Lisboa*, de 14/9/1954, dão três sobrenomes diferentes para o fogueiro, sendo de admitir a primeira referência, Joaquim Zeferino, (na página seis), suportado pela tradição e informação familiar na vila de Garvão. Optou-se por inserir (...), onde o sobrenome não se encontra correctamente escrito.

[2] Jornal *Diário de Lisboa*, de 14/9/1954. Pág. 6.

[3] Idem. Pág. 7.

[4] Idem, Ibidem.

[5] Idem. Pág. 6 e 10.

RECORDANDO FLORBELA ESPANCA

Poetisa Alentejana

Florbela Espanca, nasceu dia 8 de Dezembro de 1894, na Rua do Angerino em Vila Viçosa e faleceu dia 8 de Dezembro de 1930, em Matosinhos, tendo o seu corpo trasladado para vila Viçosa dia 17 deMaio de 1964.

Nas vésperas de morrer, Florbela desabafa com as suas amigas dizendo que se suicida no dia do seu aniversário por considerar que é a melhor prenda que pode dar a si própria; contudo, ninguém a leva a sério, ninguém entende a sua tormenta. Esta, escreve, pois, as suas últimas vontades e um postal de despedida às amigas mais íntimas, as quais o receberão depois da sua morte.

No dia 8 de Dezembro de 1930 à noite, Florbela comunica à sua criada Teresa que não vai dormir no quarto de casal, em virtude das muitas insónias que vem sentindo ultimamente. Pede ainda que não a acordem no dia seguinte seja sob que pretexto for.

É encontrada tarde de mais. Na sua mesinha de cabeceira restava um pouco de leite num copo e debaixo do colchão estavam dois frascos vazios. Florbela morrera enfim durante a noite, provavelmente à mesma hora da madrugada a que tinha nascido trinta e seis anos antes, no dia de Nossa Senhora da Conceição, símbolo da Mãe e padroeira de Portugal.

Eu sou o que no mundo anda perdida,
Eu sou o que na vida não tem norte,
Sou a Irmã do sonho, e desta sorte
Sou a crucificada...a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!…

Sou aquela que passa e ninguém vê…
Sou a que chamam triste sem o ser…
Sou a que chora sem saber porquê…
Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!

(livro de Mágoas, 1919)

Assim se definia, esta grande poetisa alentejana. Da sua vida, muito se conta, mas as grandes verdades, leem-se nos seus sonetos.

Florbela Espanca, começa precocemente a frequentar a secção infantil da escola primária de Vila Viçosa em Outubro de 1899.

Tendo iniciado um mês antes as aulas da 3ª classe, Florbela escreve, a 11 de Novembro de 1903, a sua primeira poesia reconhecida, intitulada "A vida e a morte"; no dia seguinte outra se lhe sucede – trata-se de um soneto, que começa com "A bondade o som de Deus".

Se se atentar no facto de que Florbela ainda não tem nove anos e na dificuldade que o soneto representa enquanto composição poética, fácil se torna concluir que cedo brotou o génio nesta alma que "já então fazia versos, já tinha insónias e a quem já as coisas da vida davam vontade de chorar".

Florbela era uma poetisa de poesia generosa, convulsa e ardente do fogo sob cujo signo nascera, a dos extremos de ternura e das amarguras do sofrimento, dos estados hiper excessivos de consciência da solidão, da dor e do amor.

Nada melhor que a sua própria autodefinição, transcrita numa das cartas que escreveu (Carta de Florbela Espanca ao Dr. Guido Battelli de 27/07/1930).

(…) ***Sou uma céptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma indiferente a transbordar de ternura. Grave e metódica até à mania, atenta a todas as subtilezas dum raciocínio claro e lúcido, não deixando, no entanto, de ser uma espécie de D.Quixote fêmea a combater moinhos de vento, quimérica e fantástica, sempre enganada e sempre a pedir novas mentiras à vida, num dom de mim própria que não acaba, que não desfalece, que não cansa!*** **(...)**

Autora de sonetos e contos importantes da literatura portuguesa. Foi uma das primeiras feministas de Portugal.

A sua poesia é conhecida por um estilo peculiar, com forte teor emocional, na qual o sofrimento, a solidão e o desencanto estão aliados ao desejo de ser feliz.

Teve uma vida tumultuada, inquieta, transformando os seus sofrimentos íntimos em poesia da mais alta qualidade, carregada de erotização e feminilidade.

FAMÍLIAS COM HISTÓRIA
Família Vargas (Em Garvão)

Os Vargas de Garvão, naturais de Castro Verde, eram Moleiros e vieram trabalhar para a fábrica da moagem na Estação de Garvão. Descendem do casamento, dia 10/10/1925, de António Mestre Vargas, nascido dia 8/10/1901 e de Jesuína Maria, nascida dia 27/1/1906, ambos naturais de Castro Verde, cujos filhos casaram com famílias de Garvão.

Manuel Vargas, casou com Laura da Conceição Oliveira, (da família dos Oliveiras); João Vargas Mestre casou com Maria Teresa Fiel (da família Fiel, com ligações aos Raposos e aos Carapinhas), proprietário da Quinta das Águas boas, na Estação de Garvão); Maria Luísa Mestre Vargas, enviuvou de José Sabino Dias, (da família dos Sabinos, Dias e Paulinos) e casou posteriormente com Manuel Bartolomeu Romão, (natural de São Bartolomeu de Messines), todos com vasta prole a residir em Garvão e fora.

ORIGEM DO NOME:

Segundo o Armorial Lusitano, a família Vargas seria originária de Castela, onde, Rodrigo de Vargas, um dos senhores da Vila de *La Higuiera*, próximo de Badajoz, passou a Portugal no século XVI e casou em Lisboa, tendo por filho António Rodrigues de Vargas que foi à India como capitão e casou em Lisboa com Branca Simoa de Araújo, natural desta cidade, provindo do seu casamento geração que seguiu o apelido dos Vargas.

Segundo Álvaro Rocha Vargas, na sua História e Genealogia dos Vargas, (1999), sobre a origem do nome Vargas, a mais antiga referência é feita pelo historiador romano, Caius Plínius Caecilius Secundus, mais conhecido por Plínio, (nascido no ano 61 e morto em 114 d. C) e refere um rio da Trácia (região da Europa Oriental, hoje dividida entre a Grécia, a Turquia e a Bulgária), chamado de Vargas. Segundo alguns genealogistas daí derivaria o nome Vargas. As ondas existentes nas armas da família seriam uma alusão ao rio Vargas (ou Vargus).

Segundo outros genealogistas, citados por D. Bernardo Moreno de Vargas, em Discursos de La Nobleza de España, (1621) afirma que o nome Vargas é alcunha dos godos (povo da antiga Germânia que invadiu a península ibérica) e quer dizer "pai bom".

Vargas, na língua espanhola, poderia traduzir-se por "escarpas ou rochedos muito inclinados", e na língua árabe seria uma alcunha, ou apelido, dado pelos mouros aos homens existentes na região sul da Espanha. Na língua árabe "Var Has", que queria dizer "homem da planície" ou "homem da estepe".

Escola Primária Garvão - 1954

Foto dos alunos da primeira classe em 1954, na Escola Primária de Garvão.
Conjuntamente a estes 36 alunos da primeira classe, havia também na segunda, terceira e quarta classes da instrução primária, rapazes e raparigas.

PRIMEIRA FILA (ATRÁS)
(Da esquerda para a Direita)
Professora D. Maria da Piedade, de Santa Luzia.
- Ramiro (da Chada) - José Joaquim (da Chada-Nova) - Nuno (da Sardoa) - António Nobre (da Bica) - Por identificar (da Chada) - João Borralheira - Filho de tio Marinho (da Monchica) - Joaquim Domingos (da Sardoa).

SEGUNDA FILA:
Marinho (Carmo/Cortes) - Zabelão (da Sardoa) - Zé Mestre - Joaquim António - Ventura
José Manuel Pulquério – Octávio Rocharte - Manuel Pedro - Chico (da Funcheira) - José Francisco Ildefonso.

TERCEIRA FILA:
David (gémeo com Joaquim António) - Manuel Zacarias - Por identificar (da Sardoa) - Joaquim Manuel (da Sardoa) - Zé Manuel (Freguesia) – não identificado - Joaquim Cunha (Primo direito do filhó) - Filho do Carlinhos Ataíde (ou o Carlos, Manuel ou o Zé).

QUARTA FILA (À FRENTE)
Augusto José Manuel (Gambinha), filho do Tio Zé dos ovos - Álvaro Sabino Guerreiro - José Manuel (Marranita, irmão da Bárbara) - Manuel Alexandre (da Sardoa) - Fernando Glória - Fernando Maneta - António Joaquim Cortes (Tuta) - António (Moca) - José Manuel (Abinha).

Foto da Ponte da Estação de Garvão

Antes da construção dos passeios laterais em 1937

(Cortesia de Maria Benvinda Soares)

As obras na ponte, em 1937, de forma a acomodar os dois passeios laterais para transeuntes, que ainda se observam hoje, descaracterizaram as especificidades desta ponte medieval, vulgarmente conhecida por "Ponte Romana", embora a sua antiguidade, não esteja inteiramente esclarecida.
Por exemplo: das duas pontes abaixo ilustradas, podemos vislumbrar a configuração do tabuleiro da ponte, antes do acoplamento dos dois passeios laterais.

Ponte de Paderne sobre a Ribeira de Quarteira. Trata-se de uma ponte de feição romana, reedificada em 1771 e onde são visíveis três arcos e dois talha-mares com a forma de prisma triangular.

Ponte medieval construída sobre a Ribeira de Cobres. De inspiração romana, a ponte foi construída em 1375 e possui três arcos. A ponte situava-se na antiga estrada entre o Alentejo e o Algarve, e é um elemento emblemático de Almodôvar.

Bolo de Água - Mel

Por: Filomena Franco

- 6 ovos inteiros
- 300 gramas de açúcar
- 8 colheres de sopa de água-mel
- 2 colheres de canela
- 1 colher de pó Royal
- Metade de um cálice de aguardente
- 300 gramas de farinha
- 1 chávena de café doce
- Raspa de limão
- 1 chávena de óleo
- Bate-se os ovos com açúcar. Depois o resto.
- Por fim a farinha.
- Bate-se tudo junto.
- Vai a cozer em forma untada com margarina e polvilhada com farinha.
- O tempo de cozedura depende do forno.
- Faça o teste do palito para verificar a cozedura.

A Tradição de Pedir Os Bolinhos

Em Garvão, no dia de Todos-os-Santos, era ainda tradição nos anos sessenta-setenta do século passado, as crianças juntarem-se em pequenos grupos e andarem pelas ruas, de porta em porta, a "Pedir os bolinhos".

De norte a Sul do país, o pedido de "Bolinhos" pelas crianças (que representam as almas dos falecidos) carregam consigo séculos de história, de devoção e de uma ligação com o divino.

Nos seus talegos de pano, acumulavam as ofertas: nozes, bolotas, figos secos, rebuçados e outras guloseimas e em cada porta que se abra, e oferta que se dava, ia uma memória dos entes queridos: mais do que dar, doces, frutos secos ou dinheiro, era memorizar o passado e uma oferenda aos que já partiram.

O hábito de pedir os "Bolinhos" tem paralelismos noutros países, nomeadamente os de tradição Celta. Em Inglaterra existe a tradição do "bolo de alma" e é nesta tradição que se encontra a raiz do "Halloween" que leva as crianças norte-americanas a percorrerem as ruas à procura de "doçuras ou travessuras".

Magusto de S. Martinho

A Junta de Freguesia de Garvão Promoveu no dia 9 de Novembro Caminhada e Magusto.

A caminhada, iniciou-se às 9 horas da manhã, junto à Instalações da Junta de Freguesia, com a participação de vários populares, num percurso de 7 quilómetros.

Às 3 horas da tarde, tivemos o Magusto no recinto da Casa do Povo de Garvão, para celebrar o São Martinho com castanhas assadas, convívio e animação, onde actuaram vários artistas.

Obras da Extensão de Saúde de Garvão

Promovidas pela C.M. Ourique

Já se encontram em execução as obras de requalificação da Extensão de Saúde de Garvão.

O presidente da autarquia, Marcelo Guerreiro, esclarece que a requalificação da Extensão de Saúde de Garvão "prevê a reorganização do espaço interior, com a criação de gabinetes médicos, gabinetes de enfermagem, salas de tratamentos e áreas de atendimento".

A empreitada incidirá ainda "na melhoria das condições de acessibilidade, segurança e conforto para utentes e profissionais, bem como na introdução de soluções de eficiência energética, alinhadas com os princípios de sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde.

Cadernos Culturais d'Ourique

"A ORIK - Associação de Defesa do Património de Ourique lançou os IX Cadernos Culturais d'Ourique, no dia 8 de Novembro 2025, no espaço da Feira do Livro de Ourique.

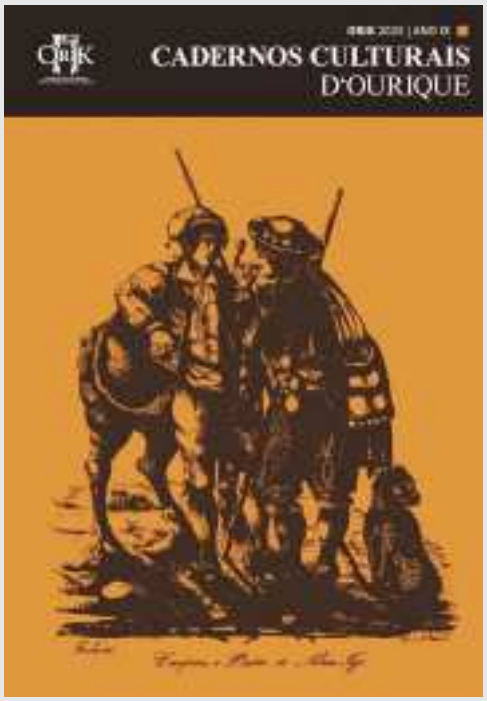
Os Cadernos Culturais d'Ourique, começaram a ser publicados em 2006. Aberta a intervenções essencialmente de âmbito cultural, pretende perpetuar, dar a conhecer e valorizar a nossa história comum.

Através de artigos, teses de investigação ou ensaios, procurou-se um alargado âmbito de contributos que permitam divulgar e valorizar a história do concelho e que possam também constituir-se como referência local.

Os Cadernos Culturais de Ourique constituem-se como o corolário da ambição da ORIK - Associação de Defesa do Património de Ourique em divulgar as histórias de Ourique e do seu Concelho.

Através dos cadernos culturais de Ourique pretende-se recolher um conjunto alargado de contributos que incidam sobre Ourique e o seu Concelho e que se possam constituir como referência, no que se refere à história local.

Podem ser adquiridos através do e-mail: orik@portugalmail.pt, no site da Associação: http://associacao-orik.blogspot.pt/p/cadernos-culturais.html



Carlos Reis
Construção Civil
+351 937 259 158
carlosreis7891@gmail.com

CARPINTARIA CONVERSA
* Portas
* Janelas
* Marquises
* Estores
* Portões
* Corrimões
EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO
Jorge Bento
964 173 005
Garvão Ourique